

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO  
SUL CAMPUS DE AQUIDAUANA  
CURSO DE LETRAS

TELMA CRISTINA MENACHO BATISTA

**UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA REPRESENTAÇÃO DAS ENTIDADES  
AFRICANAS NO LIVRO “TORTO ARADO”, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR**

AQUIDAUANA – MS

2024

TELMA CRISTINA MENACHO BATISTA

**UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA REPRESENTAÇÃO DAS ENTIDADES  
AFRICANAS NO LIVRO “TORTO ARADO”, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Letras, habilitação em Português/Inglês, da Universidade Federal De Mato Grosso do Sul - Campus Aquidauana, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Samuel de Sousa Silva.

AQUIDAUANA – MS

2024

# **UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA REPRESENTAÇÃO DAS ENTIDADES AFRICANAS NO LIVRO “TORTO ARADO”, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Letras, habilitação em Português/Inglês, da Universidade Federal De Mato Grosso do Sul - Campus Aquidauana, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

## **BANCA EXAMINADORA**

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Samuel de Sousa  
Silva.

1º Examinador: Prof. Dr. Vinícius Massad

Castro. 2º Examinadora: Profa. Dra.

Cristiane Schmidt.

Suplente: Prof. Dr. Edelberto Paulo Júnior.

Aprovada em: \_\_\_de\_\_\_\_\_de 2024.

BATISTA, Telma Cristina Menacho. **Uma Análise Discursiva da Representação das Entidades Africanas no Livro “Torto Arado”, de Itamar Vieira Junior, 2024.** Monografia. UFMS, Aquidauana, 2024.

## RESUMO

A presente pesquisa traz como temática central “Uma análise discursiva da representação das entidades africanas no livro “Torto Arado”, de Itamar Vieira Junior”. Sendo assim, busca-se analisar a perspectiva da espiritualidade que se manifesta na memória discursiva das narradoras do referido romance. Nesse sentido, elaborou-se uma discussão acerca do estigma que as religiões de matriz afro-brasileira trazem, bem como a relação que as personagens desenvolvem com Jarê e o confronto gerado pela tentativa de subalternização de uma cultura marginalizada. Este estudo possui caráter bibliográfico e descritivo. Logo, sua estruturação se pauta em referenciais teóricos da Análise do Discurso. Entende-se a relevância do papel da memória discursiva para a interpretação do romance, uma vez que, por meio dela, pode-se vislumbrar as peculiaridades que o autor atribui aos personagens e como elas se diferenciam no modo de se relacionar com o credo. Outrossim, o romance aborda debates, até então, silenciados pelas mãos modalizadoras do Estado, trazendo à tona o sentimento revolucionário adormecido no coração dos leitores.

**Palavras-chave:** Memória discursiva; Jarê; Torto Arado; Afro-religiões; Intolerância religiosa.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>06</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>08</b>
<b>3. DISCUSSÕES</b>	<b>11</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>13</b>
<b>5. REFERÊNCIAS</b>	<b>15</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar a obra “Torto Arado”, de Itamar Vieira Junior, seguindo uma abordagem voltada à religiosidade. Nessa perspectiva, considera-se relevante, em um primeiro momento, apresentar a obra em análise, de forma minuciosa, com o fito de obter uma melhor compreensão do romance supracitado. Sendo assim, Torto Arado é uma obra marcada pelas narrativas das irmãs Bibiana e Belonísia e de uma entidade encantada, a Santa Rita Pescadeira. O livro destaca falas femininas que expressam memórias coletivas e atribuladas de desigualdades raciais, sociais e de gênero. Além disso, evoca as resistências ancestrais dos povos quilombolas, suas lutas e ligações com a terra.

Por conseguinte, destaca-se que o livro foi escrito pelo geógrafo Itamar Vieira Junior, doutor em estudos étnicos e africanos, pela Universidade Federal da Bahia, sendo reconhecido, em 2020, pelo Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria romance literário.

Em relação ao título do romance, destaca-se que “Torto Arado” foi escolhido por abordar uma reflexão acerca das condições dos escravos e suas gerações futuras, destacando como as chagas da escravidão ainda persistem na sociedade e impactam o futuro de várias gerações. Por intermédio da leitura atenta do romance e para a elaboração desta pesquisa, pode-se concluir que a leitura da obra apresenta uma densidade de conteúdos, os quais são necessários, devido ao fato de abordarem temas de grande relevância para a sociedade atual e futura.

Conforme Almeida e Dantas (2019), pode-se afirmar que a narrativa pauta-se a partir de um fato ocorrido na infância, o qual é narrado pela história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, e também de toda a sua linhagem familiar. Desse modo, cita-se que as irmãs são filhas do curador espiritual Zeca Chapéu Grande e da parteira Salustiana Nicolau. Ademais, elenca-se que o romance estrutura-se em três grandes partes, a saber: Fio de corte; Torto arado e Rio de Sangue, as quais são narradas por, respectivamente, Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira. Salienta-se, ainda, que o autor utiliza trocas de foco narrativo, nos quais inclui a voz de entidades superiores, para contar fatos do passado e suas consequências no futuro.

O livro divide-se em três partes, sendo que a primeira é narrada por Bibiana, enquanto a segunda é descrita por sua irmã Belonísia já a terceira parte é narrada pela entidade Santa Rita Pescadeira. Nesse sentido, as moças são filhas de Zeca

Chapéu Grande, um dos trabalhadores de Água Negra e líder do jarê - religião afro-brasileira praticada na região da Chapada Diamantina, influenciada pela umbanda, pelo espiritismo e pelo catolicismo. Acerca disso, recorre-se a Araújo e Acioly (2016, p. 573), os quais mencionam que as religiões de matriz afro-brasileiras “não cultuavam nenhum espírito maligno, apenas espíritos que são associados à força da natureza, os quais são responsáveis pelo equilíbrio existente na terra”. No entanto, sua origem está ligada à espiritualidade e à ancestralidade dos negros escravizados trazidos ao país, bem como a todas as outras expressões culturais que representavam esse povo.

O livro “Torto Arado”, ainda, levanta o debate a respeito da intolerância religiosa, a qual se origina a partir de uma sociedade que se beneficiou do processo de objetificação de um povo, mas que nunca levou em consideração suas manifestações culturais. Nas ponderações de Araújo e Acioly (2016), o referido romance aborda um teor regionalista-político na década dos anos 30, o qual está ligado a uma representação de uma realidade periférica e pouco valorizada até esse momento da história. Vieira Junior (2019) destaca, também, em sua obra, a baixa qualidade de vida das personagens que habitam a fazenda Águas Negras, a negligência do governo - no que diz respeito à fiscalização dos direitos trabalhistas no interior do Brasil - e o poder místico do Jarê.

As irmãs Bibiana e Belonísia, narradoras do romance. O pai das moças é o curador Zeca Chapéu Grande, figura patriarcal, tanto na religião, quanto na comunidade de agricultores que residem na fazenda. Assim, ele era responsável por presidir as festas de Jarê que ocorriam em sua casa. Araújo e Acioly (2016) destacam que religião de origem africana abordada no romance mantém uma certa superioridade numérica em relação aos demais adeptos da região, mas, mesmo assim, existe um conflito com atitudes repressivas encorajadas pelo comprador da fazenda, o qual coordena ataques contra os moradores que se negam a aceitar seu modo de administrar a fazenda. Além disso, essa personagem procura convertê-los ao protestantismo.

Nessa perspectiva, surge uma tensão entre o cristianismo de vertente protestante e o jarê. Tem-se, então, a utilização da conversão religiosa como agente modalizador do domínio sobre a parcela da população que se rebela contra as injustiças cometidas pela elite. Diante desse cenário indaga-se a questão de como a espiritualidade se apresenta na memória discursiva das narradoras do romance “Torto Arado”.

Dessa maneira, o livro insere a história de pessoas que lutam pelo direito à terra na obra literária, aproximando ficção e realidade, uma narrativa que possibilita fazer um

panorama do trabalhador rural do século 20 e abordar outras questões, como o racismo estrutural, vivência de mulheres quilombolas no campo e repressão aos movimentos sociais de luta pela posse da terra. Com o foco narrativo e a trajetória das personagens femininas foi possível evidenciar como o real é o referente, que pode ser entendido, reformulado e superado, pois traz uma visão problemática da propriedade privada no Brasil, as relações com a ocupação territorial e, também, a consonância destes com o desenvolvimento histórico da sociedade brasileira.

Por fim, foi apresentado a linhagem de mulheres do romance e seus enredos que explicita a relação conflituosa, exploratória e de resistência com a terra. Suas trajetórias demonstram a vivência caracterizada pela luta, mas que do mesmo modo apresenta novas perspectivas e significações para a região de Água Negra, na qual o silenciamento e a invisibilidade estavam deixando de constituir/vislumbrar o ciclo dos antepassados, apontando, assim, para uma nova relação com a terra, em que a existência com dignidade torna-se um fato social, e não mais passível de ser ignorada, nem subjugada.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O arcabouço teórico utilizado nesta pesquisa é a Análise do Discurso. Desta forma, um dos conceitos importantes para esse campo de estudo, de linha francesa, é o de “formação discursiva”, o qual é um conceito relacionado, diretamente, à problemática do sujeito, em seu duplo aspecto de constituição, ou seja, linguístico e sócio-histórico. Nesse contexto, considera-se fundamental apresentar algumas noções de formação discursiva, sob a ótica de teóricos do tema em destaque.

Para tanto, conforme destaca Grangeiro (2023), a formação discursiva, em Foucault, desenvolve-se, principalmente, na Arqueologia do Saber, publicada em 1969. Em “História da Loucura e o Nascimento da Clínica”, ele já havia apresentado análises acerca dos mecanismos de constituição do saber da medicina e da loucura. A autora, ainda, aponta que, na obra “As palavras e as coisas” (1966), Foucault faz uma análise sobre os saberes da época clássica para a época, em relação aos temas da vida, do trabalho e da linguagem. Além disso, destaca:

Através dessa análise, ele aponta as relações entre dizer e fazer. Distanciando-se, tanto da ideia de que a palavra é a coisa, como da concepção platônica de linguagem como representação, Foucault defende que a palavra institui a coisa, ou seja, se a linguagem se coloca em movimento pelos discursos, então, são esses discursos que instituem os objetos de que falamos; é a discursivização, o falar sobre que constitui o “referente”. Assim sendo, ele não procede a sua análise partindo do sujeito ou do objeto porque, para ele, esses elementos não existem a priori. Eles só vão existir a partir do momento em que forem constituídos por uma prática dentro de uma sociedade, como por exemplo, o corpo. Na Idade Média, o corpo do homem não era visto da mesma forma que no século VIII, pelo fato de encontrar-se aquela episteme bastante determinada pelo teocentrismo, pelas superstições, etc., diferentemente do século VIII em que, com a descoberta da patologia, o corpo passa a ser visto como um conjunto de órgãos e a Medicina passa a discursivizá-lo, a fabricar práticas/dizeres sobre ele. (GRANGEIRO, 2023, P. 2).

Diante dessas afirmações, pode-se dizer, segundo a visão de Foucault, que o próprio sujeito, para se constituir enquanto tal, é uma função dos discursos. De acordo com Grangeiro (2023), para Foucault, as formações discursivas não são compreendidas em termos de ideologia, o qual é profundamente marcado, historicamente, pelo viés marxista de posições, no tocante à luta de classes. Assim, são concebidas em termos de saberes/poderes.

Pêcheux (1995 [1975]), citado por Grangeiro (2023), defende a ideia da formação discursiva como uma conjuntura dada e determinada pelo estado de luta de classes. Sendo assim, essa formação determina o que pode e deve ser dito. Nessa instância, elenca-se que, na teoria de Pêcheux, há duas bases epistemológicas fundamentais: a necessidade de pertencimento às teses althusserianas de luta de

classes e a ideologia e a perspectiva de fulcro na Linguística, em que se destaca a questão dos gêneros do discurso e da materialidade

linguística. A respeito disso, destaca-se que: “ainda com relação à formação discursiva em Pêcheux, o que se observa é uma profunda reelaboração das teses althusserianas, principalmente no que diz respeito à interpelação do sujeito pela ideologia.” (GRANGEIRO, 2023, p. 8).

Por conseguinte, cita-se que Baronas (2011) argumenta que Foucault defende a ideia da formação discursiva como um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, mas que são submetidos a uma mesma regularidade de dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria etc. Desse modo, para Pêcheux, conforme argumentos de Baronas (2011), o conceito, gestado no ventre do marxismo/althusserianismo, surge como o que pode e deve ser dito, partindo de uma posição dada na conjuntura social.

Narzetti (2018) também aborda o conceito de formação discursiva formulado por Pêcheux, pontuando que ele surgiu, pela primeira vez, em 1971, em dois trabalhos: o artigo “Língua, linguagens, discurso”, assinado, unicamente, por Pêcheux e publicado no jornal comunista “L’Humanité” e o artigo “A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso”, assinado por Michel Pêcheux, Claudine Haroche e Paul Henry, publicado no número 24, da revista “Langages”.

Todavia, a autora ressalta que o mesmo conceito de formação discursiva teria aparecido já no ano de 1970, na obra intitulada “Considérations théoriques à propos du traitement formel du langage”, assinada por Antoine Culioli, Catherine Fuchs e Michel Pêcheux. Sob essa mesma perspectiva, Baronas (2011) comenta que o conceito de formação discursiva, apesar de não estar totalmente desenvolvido, se apresentou desde 1968, em que foi publicado o artigo “Culioli, Pêcheux e Fuchs” (1968). Sendo assim, afirma que, pelo menos em seu processo de formação, esse conceito não veio da “A Arqueologia do Saber”, de Michel Foucault, cuja primeira publicação data de 1969. Posto isso, Baronas (2011) elenca que:

Embora as discussões acerca da “A Arqueologia do Saber” estivessem latentes entre a “intelligentsia” francesa, mesmo antes de sua publicação, penso que esse conceito tenha derivado do paradigma marxista formação social, formação ideológica e, a partir daí, formação discursiva. É possível então asseverar que essa noção tem uma paternidade partilhada: inicialmente a de Pêcheux em 1968 e depois a de Foucault em 1969. No caso deste último pensador, esse conceito, prolongando seu projeto inicial da episteme em As Palavras e as Coisas, oscila constantemente entre uma interpretação em termos de regras e outra em termos de dispersão. Foucault parece obedecer a duas injunções contraditórias: trabalhar sobre sistemas e no mesmo processo desfazer toda unidade ou trabalhar sobre as regularidades da dispersão. (BARONAS, 2011, p. 4).

Ainda no que tange aos conceitos da formação discursiva, Francelino (2005) defende que o mesmo pode ser formulado como tudo o que, em uma dada formação

ideológica, pode e deve ser dito. Para o autor, a formação discursiva circunscreve a produção de linguagem de um sujeito, permitindo que ele fale a partir de uma determinada posição sócio-ideológica, determinando qual/is sentido(s) pode(m) ser veiculado(s).

Contribuindo com a discussão aqui proposta, Narzetti (2018) argumenta que foi Georges Canguillem que assinalou a relevância da análise e crítica dos conceitos para a história de um saber com pretensões científicas. Conforme apontamentos da mesma autora, Canguillem, ainda, apresentou alguns pressupostos fundamentais para a abordagem dos principais conceitos da formação discursiva. Nesse sentido, o primeiro deles é a historicidade dos conceitos, pois um conceito não existe desde sempre, uma vez que ele é produzido em determinado momento, ao longo do tempo, passando por reformulações que o corrigem, o refinam ou o ampliam.

Narzetti (2018, p. 12) destaca, também, que, segundo Canguillem, o segundo pressuposto refere-se à distinção entre palavra e conceito, visto que “um conceito supõe, além da palavra, uma definição ou, ao menos, um esboço de definição. É esta que permite identificar o conceito”. Já o terceiro pressuposto, na ótica de Canguillem, trata-se da relação do conceito com a problemática. Contudo, Narzetti (2018) considera importante pautar-se, ainda, em um quarto pressuposto, dessa vez sugerido por Deleuze e Guattari (1992), que consideram que todo o conceito tem componentes e se define por eles.

Para finalizar esse tópico do referencial teórico, considera-se relevante destacar sobre a importância da noção discursiva para o estudo da significação, no que tange à unidade de sentido. Dessa forma, recorre-se à Pêcheux (1975) que defende a formação discursiva como o lugar da constituição do sentido. Para ele, as palavras mudam de sentido ao passarem de uma FD a outra. Nesse sentido, o estudioso destaca que não apenas as intenções do sujeito que determinam o dizer, existe uma ligação entre a intenção individual e um pacto social.

Conforme o mesmo autor, a noção de sentido está intrinsecamente ligada às condições de produção do discurso e à relação de paráfrase entre seqüências que formam famílias parafrásticas (famílias de sentido).

No que se refere ao sentido, Pêcheux (1988, p. 160) salienta que uma palavra, proposição ou expressão, não tem um sentido particular (sentido literal). Sendo assim, não existe um sentido literal, uma fonte da qual possa derivar sentidos por meio de uma lógica lingüística combinatória.

Para o autor, se realmente houvesse uma literalidade, as palavras não poderiam receber os diversos sentidos que recebem, em conformidade com uma ou

outra FD, uma vez que dentro da mesma FD os sentidos parecem igualmente evidentes.

Pêcheux (1988) destaca ainda que o que, de fato, determina o sentido das palavras são as posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico em que são (re)produzidas. Sendo assim, elas mudam de sentido de acordo com as posições dos sujeitos que as utilizam, obtém seu sentido em consonância com essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas.

### 3 DISCUSSÕES

Por meio da leitura do romance “Torto Arado”, foi possível realizar uma análise discursiva da narrativa das personagens da história. Nesse cenário, observa-se a reprodução da vida de comunidades que sofreram violência pela estrutura agrária em um país, historicamente, marcado pela escravidão, pela expropriação da terra e pela concentração fundiária. É importante destacar que essas situações demonstram a permanência das heranças do período colonial brasileiro.

Outrossim, é cabível pontuar que os posicionamentos das personagens são de insubordinação social traduzidos por suas narrativas contra-hegemônicas, demonstradas quando elas falam de suas vidas na fazenda e as dinâmicas do lugar, com suas belezas e tristezas.

Em relação às mulheres do romance, sublinha-se que são negras, quilombolas e possuem uma vida sofrida e oprimida pela sociedade patriarcal em que vivem. Mesmo assim, procuram formas de resistência para sobreviver nesse cenário. Bibiana, uma das irmãs narradoras do romance, apresenta um potencial transformador da educação para a mobilidade social. Nessa perspectiva, destaca-se o excerto do romance, em uma conversa dela com o primo Severo, quando diz: “nunca havia conhecido ninguém que me dissesse ser possível uma vida além da fazenda” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 72). Esse discurso aponta para o fato de que, com o conhecimento, a personagem acredita que pode alcançar outros horizontes, além das cercas da fazenda em que mora.

No que diz respeito às entidades, “Torto Arado” apresenta personagens denominadas “encantadas”, as quais se incorporam ao povo de Água Negra nas noites das festas de jarê, como Santa Rita Pescadeira, a qual é uma entidade secular que vive à procura de corpos que possam incorporá-la desde a morte de seu cavalo. Salustiana era esposa de Zeca chapéu grande era parteira e ajudava o mesmo nos trabalhos espirituais realizados na comunidade quilombola Água Negra.

Diante do exposto, menciona-se que a personagem encantada nos leva a refletir sobre as complexidades das relações sociais pós-abolicionistas, uma vez que sublinha que “os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles” e que, portanto, “foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores rurais e moradores” (VIEIRA JUNIOR,, 2019, p. 204). Em suma, a entidade Santa Rita Pescadeira representa, também, as relações sociais estruturadas pela violência escravista, sobre as quais afirma:

Vi tanta crueldade ao longo do tempo, e mesmo calejada me comovo ao ver homens derramando sangue para destruir sonhos. Vi senhores enforcarem seus escravos como castigo. Cortarem suas mãos no garimpo por roubarem um diamante. Acudi uma mulher que incendiou o próprio corpo por não querer ser mais cativa de seu senhor. Mulheres que retiravam seus filhos ainda no ventre para que não nascessem escravos (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 207).

A personagem Santa Rita luta por justiça e liberdade aos quilombolas utilizando-se de outros corpos, os quais fazem parte de um grupo social sem direito a voz. No que tange ao discurso das personagens sobre a distribuição de terra quando estão encarnados, ou seja, quando a entidade fala por eles, é realizado pela entidade Santa Rita. Da mesma maneira, cita-se que a entidade Santa Rita Pescadeira também funciona, no romance, como o elo que liga esse povo excluído a essa terra, na qual habitam. Isso ocorre, pois, ao possuir seus cavalos, a entidade relata sentir a terra nos seus pés, bem como a água da chuva em seu corpo, o banhar no rio e o vento em seu rosto. O autor do romance representa, por essa personagem, a necessidade de construção de uma ponte entre essa ancestralidade além mar, de origem africana, e essa nova terra, que serão seus lares.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o estudo da obra “Torto Arado”, cabe afirmar que a mesma é marcada pelas narrativas das irmãs Bibiana e Belonísia, e de uma entidade encantada. Dessa maneira, são vozes femininas que expressam memórias coletivas e são atribuladas pelas desigualdades raciais, sociais e de gênero. Ademais, também evocam as resistências ancestrais dos povos quilombolas, suas lutas e ligações com a terra.

As personagens do romance apresentam orgulho em seus corações. Todavia, a espiritualidade é vivenciada sem permitir que a interferência de outros abale a consciência da coletividade da comunidade em que vivem, em Águas Negras. Nesse contexto, é relevante destacar que o romance evidencia o debate silenciado pelo Estado, no que tange ao papel das mulheres e das religiões africanas. À vista disso, sabe-se que a sociedade está em evolução o tempo todo e que há a necessidade de se compreender as nuances que ainda envolvem a intolerância contra afro-religiosos, bem como os impactos, por ela causados, em relação ao exercício da liberdade de expressão dos sujeitos apresentados na história de Vieira Junior (2019).

O autor apresenta, ainda, em seu romance, o protagonismo feminino de personagens negras inseridas em uma religião marginalizada, na região da Chapada Diamantina. Para o autor, o sujeito consciente/não-cavalo, quando não está sob a influência das entidades – são sujeitos submissos ao seu não-lugar no sistema estruturante da sociedade/sistema escravagista. Por outro lado, sublinha que o sujeito denominado de “inconsciente/cavalo”, quando estão sob a influência das entidades – são mais despertos e que lutarão para assumir o seu lugar nessa sociedade. A respeito disso, cita-se como as irmãs, “possuídas” pela entidade santa Rita pescadeira, cavam a cova e matam o dono da fazenda, enquanto o pai delas, mesmo possuído pelas entidades, se torna líder dos negros na fazenda.

Com isso, o autor argumenta, de forma representativa, que o sujeito que não possui uma estreita relação com a religiosidade e com sua ancestralidade, não consegue ir em busca de forças para lutar por seus direitos e conquistar seu lugar no mundo. Assim, pode-se afirmar que esse sujeito de origem africana chegou a uma terra totalmente

estranha, deixando, para traz, sua cultura e seu modo de vida, para adaptar-se a uma nova realidade: a escravidão.

Compreende-se, portanto, que o que restou a esse sujeito foi a ancestralidade e sua religiosidade, proporcionando, dessa forma, plena consciência de sua história e de seu passado. Destarte, é por intermédio dessa consciência que se pode lutar e construir seu futuro e de seus descendentes.

**REFERÊNCIAS:**

ALMEIDA, Beatriz Farias; DANTAS, Aloísio de Medeiros. **A Tensão Entre A Religião Cristã E Afro-Brasileira Na Memória Discursiva Das Narradoras do Romance Torto Arado, De Itamar Vieira Junior (2019)**. Disponível em: <[https://editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2021/TRABALHO\\_COMPLETO\\_EV168\\_MD\\_SA\\_ID\\_07122021111800.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV168_MD_SA_ID_07122021111800.pdf)>. Acesso em: 05 jan. 2024.

ARAÚJO, Victor Antônio Bispo de; ACIOLY; Augusto Cesar. Intolerância contra afro-religiosos: Conhecendo o candomblé dentro da sala de aula. In: **XVII Encontro Estadual de História–ANPUH-PB, e-ISSN:2359-2796**, v. 17, n. 1, 2016.

BARONAS, Roberto Leiser. **Formação discursiva e discurso em Foucault e em Pêcheux**: notas de leitura para discussão, 2011. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/5SEAD/SIMPOSIOS/RobertoLeiserBaronas.pdf>>. Acesso em: 12 ago. de 2023.

FRANCELINO, Pedro Farias. **O conceito de formação discursiva na análise de discurso**: contribuição foucaultiana para a constituição de um campo interdisciplinar do saber, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/dclv/article/download/7473/4539/>>. Acesso em: 12 ago. de 2023.

GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. **A propósito do conceito de formação discursiva em Michel Foucault e Michel Pêcheux**, 2023. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/ClaudiaRejannePinheiroGrangeiro.pdf>>. Acesso em: 02 jul. de 2023.

JUNIOR, Itamar Vieira. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

NARZETTI, Claudiana. Para uma história epistemológica do conceito de formação discursiva. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 18, n. 3, p. 647-663, set./dez. 2018.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1995 [1975].